

## **Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.**

**Patrícia Coppola<sup>1</sup>, Uberaba**

Resumo: O autismo é caracterizado por uma inabilidade social e por peculiaridades no estabelecimento de vínculos afetivos e de padrões de comunicação verbal e não verbal, provenientes de uma não integração do *self*. Partindo de um atendimento infantil e da compreensão da natureza humana, é inerente ao homem a busca pelo estabelecimento de vínculos afetivos, os quais se tornam fundantes para as significações e para as nomeações de suas experiências. Este artigo propõe pensar na experiência que ocorre dentro da sala de análise – *setting* analítico, com base em um ambiente interpessoal, em que o encontro entre analista e analisando converge na possibilidade de uma comunicação criativa. Tendo como ponto de partida a relação – o vínculo, ou seja, um elo de intercessão intersubjetivo de mudanças e de possíveis integrações.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Psicanálise. Winnicott. Comunicação. Autismo.

Alecrim, alecrim dourado

Que nasceu no campo

Sem ser semeado

Alecrim, alecrim dourado

Que nasceu no campo

Sem ser semeado

1 Membro filiada do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes ligada a Sociedade Brasileira de São Paulo – SBPSP. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Patrícia Coppola

Foi meu amor  
 Que me disse assim  
 Que a flor do campo é o alecrim  
 Foi meu amor  
 Que me disse assim  
 Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim, alecrim dourado  
 Que nasceu no campo  
 Sem ser semeado  
 Alecrim, alecrim dourado  
 Que nasceu no campo  
 Sem ser semeado

Foi meu amor  
 Que me disse assim  
 Que a flor do campo é o alecrim  
 Foi meu amor  
 Que me disse assim  
 Que a flor do campo é o alecrim.

Os estudos acerca do autismo infantil foram iniciados por Leo Kanner, em 1943, que descreveu o transtorno como sendo um distúrbio do contato afetivo. Foi a partir dessa data que vários outros pesquisadores se debruçaram sobre o tema (Rutter, 1993/1997). Na clínica psicanalítica com criança autista, Klein, em 1930, introduziu o primeiro registro de um caso clínico de um menino de quatro anos, *Dick*. A criança chegou ao seu consultório sem comunicação linguística - ausência da fala, sem conseguir estabelecer uma relação afetiva, ensimesmado e apatia para brincar. Na época, Klein fez algumas observações com relação ao caso *Dick*: pontuou uma falta de simbolismo, pois o garoto não conseguia se relacionar de forma afetuosa com os objetos ao seu redor, apresentando indiferença.

Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Um outro ponto que chamou a atenção da psicanalista foi que *Dick* poderia ter uma mente vazia de símbolos e de fantasias. Nesse sentido, concluiu que o desinteresse de *Dick* era resultado da falta de relação simbólica do garoto com os objetos da realidade.

Diante disso, Klein enfrentou grandes dificuldades com a técnica psicanalítica durante os atendimentos ao Dick. Percebeu que precisaria acessar o mundo interno da criança, o qual era privado de relações simbólicas. Tentou estabelecer contato com ela por meio de um jogo criado por si mesma, a partir do interesse específico de *Dick* por trens e por estações. Depois de seis meses atendendo Dick, Klein percebeu mudanças afetivas e prazerosas na relação da criança com a babá, com os pais e com a analista, além de observar sinais de angústia no contato com pessoas estranhas. Dick estava tendo a possibilidade de expressar seus sentimentos: ser compreendido, ser amado e ser desejado, sentimentos que antes não faziam parte de sua vivência (Klein, 1930).

Hoje, acredita-se que as causas dos quadros autísticos são múltiplas. Existem, por exemplo, estudos da Epigenética que apontam uma confluência entre fatores ambientais e genéticos. O autismo é caracterizado por uma inabilidade social e por peculiaridades no estabelecimento de vínculos afetivos e de padrões de comunicação verbal e não verbal, provenientes de uma não integração do *self*, devido a falhas e interrupções no processo do desenvolvimento, o que obriga os portadores do distúrbio a reagirem e a se fecharem para as experiências externas (Marfinati & Abrão, 2014). Todas essas características específicas que afetam o desenvolvimento de diversas maneiras, geralmente, se apresentam até os três anos de idade.

Atualmente, o termo autismo tem ganhado visibilidade tanto no meio científico quanto no âmbito da mídia. Por isso as discussões ficaram acirradas. Questiona-se, por exemplo, qual a melhor abordagem teórica, com as crianças e com os familiares, para intervir no tratamento terapêutico. Nessa disputa narcísica, perde-se a criança. Por isso, aqui não irei levantar bandeira sobre o melhor tratamento, apenas olhar para Pedro e para seus pais sob o vértice da Psicanálise, juntamente com as contribuições de Winnicott, do qual parto minhas observações.

Em termos de curiosidade: "*Alecrim dourado*" é uma famosa música infantil que fala sobre o alecrim, que muitas vezes nasce sem ser plantado por ninguém.

Patrícia Coppola

O alecrim (*Rosmarinus officinalis*) é uma erva aromática comum na região do Mediterrâneo; nasce preferencialmente em solos de origem calcária. Devido ao seu aroma característico, os romanos designavam-no como *rosmarinus*, que em latim significa ‘orvalho do mar’.

O alecrim é, muitas vezes, usado para decorar caminhos e é cultivado por pessoas que estão dando os seus primeiros passos no mundo da jardinagem, pois é um arbusto muito resistente a pragas e não requer muitos cuidados. Ao contrário do alecrim, Winnicott afirma que a história do desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta em que existe uma decrescente dependência à medida que (proporção?) a criança é atendida em suas necessidades. Na independência, ainda assim, há um certo grau de dependência que se mescla a todos os tipos de necessidade e ao amor, o qual se torna fundante na constituição psíquica (Winnicott, 2011).

“*Alecrim, alecrim dourado/Que nasceu no campo/Sem ser semeado...*” embalados por esta canção os atendimentos com Pedro acontecem. Pedro está me ensinando que para além de um diagnóstico, o qual vem carregado de sintomas e de sinais, existe a dimensão do humano, um ser possuidor de um mundo interno recheado de emoções e de sentimentos, mesmo que de forma tão primitiva, mas estão lá como “sementinhas” prontas a serem plantadas e possivelmente “germinadas”. Nessa situação específica e de forma metafórica as “sementinhas” podem ser compreendidas como possibilidades de um nascimento psíquico, ou seja, acredita-se que o mundo interno é inerente à natureza humana, portanto composto por sentimentos e por emoções. No caso dos quadros autísticos essas “sementinhas” podem estar ‘adormecidas’ esperando para serem ‘acordadas’ dentro de um mundo estritamente sensorial.

Tentando compreender os estados autísticos Meltzer (1984) em seu artigo “Sobre a Bidimensionalidade” discorre sobre um mundo interno sem significados, em que sua qualidade se restringe a fenômenos sensoriais. As observações e a compreensão são postuladas com fundamento na teoria estrutural, a qual é bidimensional e põe em cena questões primitivas que antecedem a constelação familiar. Nesse modelo, existe uma adaptabilidade do indivíduo às aparências do entorno – mundo externo – para se fazer pertencente, ou seja, ocorre um processo de imitação como possibilidade de sobrevivência.

Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Como exemplo, cita animais superiores – borboletas – as quais possuem colorações específicas do seu mundo circundante para conseguir se camuflarem dos predadores. Dito de outra forma, a sobrevivência ocorre por meio de uma adaptabilidade para se fazer parte do mundo.

Partindo da compreensão da natureza humana, é inerente ao homem a busca pelo estabelecimento de vínculos afetivos, os quais se tornam fundantes para as significações e para as nomeações de suas experiências. Tal observação foi descrita pelo pediatra e psicanalista Winnicott (2011, 2020) ao afirmar que a base de tudo é o amor e que, diante de sua ausência, os bebês (em seus primeiros anos de vida), principalmente na faixa etária de até 3 anos, correm sérios riscos de desenvolverem quadros severos de patologias, uma vez que não houve cuidados necessários para o alojamento da psique no soma. O amor, no início e do ponto de vista do bebê, é representado pelos cuidados físicos. Winnicott considera que as primeiras experiências da criança com seu cuidador sejam carregadas de afeto para auxiliar o infante na tarefa de sua elaboração imaginativa corpórea, a qual está para além da satisfação das exigências instintivas. Em seu artigo intitulado “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências”, diz:

Não é verdade que a mãe comunicou-se com o bebê? Ela disse: “Sou confiável – não por ser uma máquina, mas porque sei do que você está precisando: além disso, me preocupo, e quero providenciar as coisas que você deseja. Isto é o que chamo de amor neste estágio do seu desenvolvimento” (Winnicott 2012, pág. 87).

Compreende-se que nos primórdios a questão não é atender aos desejos instintuais do id, até porque ainda não se constituiu uma psique, portanto, aqui não significa satisfação ou frustração desses impulsos. Nesse caso, o ponto nevrálgico é atender às necessidades da soma – corpo sensorio-motor e, nesse vértice, a equação é: se foi atendida ou não. Aqui a mãe-ambiente/cuidador/analista, embora seja o primeiro relacionamento com um outro ser humano, não o é para o bebê/analizando, com o ambiente. Existe uma fase anterior, para o indivíduo, em que não é o mundo objetivo, mas suas próprias necessidades corporais, as quais se tornam o papel principal em serem satisfeitas ou não Winnicott (2011, 2020).

Patrícia Coppola

Nessa perspectiva, o homem é um *vir-a-ser*. O amadurecimento começa em algum momento após a concepção e, quando ocorre uma integração, esta não cessa, até a morte. No percurso do desenvolvimento emocional, Winnicott (2011) enfatiza que, no princípio, o bebê não se constitui (?) em uma unidade em si mesmo. A psique e a soma, nos estágios iniciais do desenvolvimento individual, ainda não estão integradas em uma unidade.

Isso significa que a psique não é alcançada *a priori*, a não ser como a necessidade de doar sentido aos aspectos e estados do estar-vivo-físico e aos encontros. As tarefas que caracterizam os estágios iniciais - a integração no tempo e no espaço, a habitação da psique no corpo, o início das relações objetais e a quarta tarefa, constituição do si mesmo, jamais se completam e continuam a ser as tarefas fundamentais de toda a vida. Ressalta que elas não são de natureza instintual, irão ser um pouco mais tarde, na linha identitária do amadurecimento; referem-se à necessidade de existir, de sentir-se real e de chegar a estabelecer-se como uma identidade unitária.

Para Winnicott (1990, 2011) a própria localização do self no corpo é produto de uma elaboração ao longo do tempo. Sua unidade corresponde a uma organização entre o indivíduo e o meio ambiente. A soma é definida pelo autor como a anatomia viva inicial, que respira, tem fome, tem necessidades, fica excitada, fica tensa, come, digere. Essas necessidades são parte de um corpo vivo idiossincrático, o qual é sensível às variações do ambiente, e é habitado e elaborado pelo bebê/criança/adulto. Já a psique é concebida, a partir de algumas tarefas para elaborar imaginativamente o corpo vivo. Ato de apropriar-se das partes, das sensações, das funções e dos sentimentos, que são próprios da continuidade do *vir-a-ser* sensorio-motor, sendo o resultado organizado dessas elaborações. Se tudo correr bem, eis que surge a psique, portanto o nascimento psíquico se dá nos limites do encontro psique-soma sendo um recurso a mais do bebê/analizando, diante do seu processo existencial. O processo de alojamento, contudo, não é pensado como um desenho mental, unidimensional, de si, mas sim, como uma estrutura de um modo de ser psicossomático.

Pensando nas possibilidades de trabalho terapêutico com essas mentes que ainda não conseguiram transcender a dimensão bidimensional, Meltzer (1984) trouxe observações acerca das dificuldades que o analista terá que transpor para conseguir penetrar no mundo interno, 'plano', desses analisandos, em que as vivências não estão na necessidade de resolver conflitos.

Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Portanto, o psicanalista terá que se confrontar com um problema emotivo ao abrir mão de seu mundo tridimensional composto por experiências estéticas e emotivas para adentrar em um mundo privado de significados e se deparar somente com as experiências sensoriais. O analista experimenta a diminuição de sua própria imaginação e encontra-se com a mente totalmente vazia.

Pensando nessa possibilidade em penetrar o mundo interno dessas mentes ‘planas’, é necessário um ambiente capaz de fertilizar o nascimento psíquico desses estados. Anne Alvarez (1994) convida o analista a buscar um nível de vitalização dentro dessa estrutura mental e relacional. O trabalho analítico acontece em um campo em que o cliente não pode ouvir e nem sentir. Esclarece que essa situação não é uma questão de uma via ou de via dupla, mas algo que antecede tudo isso. Seria ajudar os analisandos a “entrar no trilho” ficar em “terreno sólido”. A problemática não é um ego fraco, mas uma vivência de *self* e de objetos internos, ambos vividos como mortos e vazios ou imprestáveis.

Pedro tem sete anos e na entrevista com a mãe, ela contou-me que ele era uma criança ‘normal’ até seus doze meses, momento em que apresentou dificuldades para andar. Então, levou-o ao médico que, após alguns exames, o encaminhou para uma neurologista e chegaram ao diagnóstico de autismo. Recebi Pedro em meu consultório, espontaneamente, não me preocupando com o diagnóstico. Nas primeiras sessões, percebia que Pedro ficava muito tempo ensimesmado, sua fala era precária e não tinha a função de comunicar um significado,. Acredito que a função era uma tentativa para estabelecer ‘contato’ – mesmo que de forma imitativa/reactiva, pois minhas falas eram simplesmente repetidas de forma automática. Por exemplo, ao cumprimentar Pedro: “*Bom dia, Pedro!* Ele repetia: “*Bom dia Pedro!*”. Winnicott (1983/2007), em seu livro “O ambiente e os processos de maturação”, discorre sobre sua teoria da comunicação. Segundo o autor, há dois opostos da comunicação: a não comunicação simples e a não comunicação ativa. Em outros termos, a comunicação pode simplesmente ter sua origem a partir da não comunicação, como um processo natural, ou a comunicação pode ser a negação do silêncio, ou negação de uma não comunicação ativa ou reativa.

Patrícia Coppola

Tendo isso em mente e pensando nas potencialidades dos encontros enquanto promotores de desenvolvimento, fiquei refletindo, com meus botões, como eu poderia construir um contato afetivo, como eu poderia construir uma comunicação e como eu poderia construir uma proximidade sem ser invasiva. Qual seria o ritmo da melodia de Pedro e da nossa melodia? Como acessá-la, como dançar e como cantar? Como construir uma intimidade capaz de gerar simbolismo? Como construir vínculos com estados fragmentados – vazios?

Enfim, como acessar seu mundo interno? Perguntas um tanto quanto desafiadoras para nosso trabalho analítico. São clientes que nos desafiam e nos instigam a buscar um contato, um ritmo, uma comunicação para construirmos juntos uma experiência singular, em que as emoções e os sentimentos possam submergir das profundezas e serem capazes de nomear e de significar os encontros e as experiências pessoais.

No caminho de compreender a comunicação silenciosa da mãe/analista com o bebê/analizando, Winnicott deixa claro que essa comunicação silenciosa não é o silêncio, mas uma comunicação que ocorre nas experiências primitivas do início e nesse contexto a verbalização ainda não adquiriu nenhum sentido. O que é captado é o tom, o gesto e a expressividade da voz. Esclarece o seguinte:

Este tipo de comunicação é, porém, silencioso. O bebê não ouve ou registra a comunicação, mas apenas os efeitos da confiabilidade; é algo que se registra no decorrer do desenvolvimento. O bebê não tem conhecimento da comunicação, a não ser a partir dos efeitos da falta de confiabilidade. É aqui que se dá a diferença entre perfeição mecânica e amor humano (Winnicott, 2012 pág. 87).

Nas palavras de Klein:

(...) desejaria sublinhar que, no caso de *Dick*, modifiquei a minha técnica habitual. Em geral, eu não interpreto o material até que ele tenha encontrado expressão em várias representações. Neste caso, entretanto, onde a capacidade de representá-lo estava quase inteiramente ausente, senti-me obrigada a fazer minhas interpretações à base de meu conhecimento geral, sendo as representações do material de *Dick* relativamente vagas (Klein 1930, pág. 273).



Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Comungando com Winnicott, Bastistelli e Amorim (2014), pontuam que o manejo da técnica psicanalítica possibilita um *vir-a-ser*, ou seja, o ‘nascer psicológico’ por meio da subjetivação. Já Marfinati e Abrão (2011) partem da ótica de que a técnica com esses pacientes não atravessa o saber psicanalítico interpretativo, mas apontam a necessidade de criar manejos voltados para uma prática do ato. Winnicott diz algo assim:

(...) Psicoterapia não é fazer interpretações perspicazes e apropriadas; em grande medida, é devolver constantemente ao paciente aquilo que ele mesmo traz. Trata-se de uma complexa derivação do rosto que reflete o que está lá para ser visto. Gosto de pensar dessa maneira sobre meu trabalho e que, seu eu o fizer bem o bastante, o paciente encontrará o próprio self e será capaz de existir e de se sentir real. Sentir-se real é mais do que existir; é encontrar um modo de viver com si mesmo, de se relacionar com objetos como si mesmo e de ter um self para onde fugir em busca de relaxamento. (Winnicott 2019, pág. 187).

O meu desejo em encontrar Pedro possibilitou-me, possivelmente, junto com ele, uma forma de comunicação, a qual é a base para a interação entre duas pessoas. Nesse caso, a busca por uma experiência significativa – relação de intimidade – contato humano - institui e reconhece a existência de si e do outro, cria-se um espaço potencial para a integração psique/soma e uma possibilidade de ingresso ao mundo simbólico. Pensando em Winnicott, lembrei-me de um texto em que o autor discorre sobre segurança, o qual pontua que os cuidados a técnica analítica deve ser sustentada numa

(...) relação viva e pessoal com o objeto de seus cuidados, e não aplicando mecanicamente um conhecimento teórico. (...) para proporcionarmos uma estabilidade que não é rígida, mas viva e humana, com a qual o bebê já pode sentir-se seguro. É em relação a isso que o bebê cresce, e é isso que ele absorve e copia (Winnicott, 2011 p. 45).

Nesse viés, de sermos nós mesmos dentro do *setting*, decidi seguir minha intuição fundamentada nos pressupostos psicanalíticos. Em uma determinada sessão, ao encerrar nosso horário, Pedro começou a chorar e a se negar a sair da sala. Foi neste instante que, intuitivamente, repeti seu gesto, comecei a chorar e a dizer que não queria que a sessão terminasse.

Patrícia Coppola

Percebi que ele havia parado de chorar e, nesse momento, abaixei-me, olhei para ele e disse que eu também não queria que terminasse, mas era necessário. Apesar de sua resposta não ser verbal, compreendi, pelo seu olhar, que ele havia entendido.

Foi a partir desse dia que comecei a chamar sua atenção por meio de mímicas e barulhos emitidos pela minha boca. Dito de outra forma, eu representava suas brincadeiras de forma teatral fazendo o papel do espelho. Lembrei-me de um poema de Clarice Lispector:

Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreenda consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo. (Lispector, 1984 pág. 9,10).

Para Winnicott (1983/2007; 1990; 2011; 2019; 2021), os estágios iniciais do desenvolvimento emocional, em que a criança ainda não se separou de si mesma, o meio ambiente se torna vital para essa conquista. Para tal, o ambiente deve ser capaz de articular três funções: 1-segurar (*holding*), 2-manipular (*handling*) e 3-apresentar objetos.

Naturalmente, é necessário que o analista consiga de forma satisfatória segurar/acolher/*holding* e flexibilizar a técnica/manejo/*handling* para a apresentação desse objeto. Essa experiência, do ponto de vista da criança/analizando, quando não é violada, legitima sua onipotência, resultando em um objeto subjetivo criado por ela.

Sobre a experiência de onipotência Winnicott pontua:

Neste estágio inicial o ambiente favorável está dando ao lactente a experiência da onipotência; como isso quero dizer mais do que controle mágico, e quero incluir o aspecto criativo da experiência da onipotência dentro da área que faz parte do relacionamento com objetos subjetivos (Winnicott, 1983/2007 pág. 164).

Para o autor, a ilusão de onipotência ocorrida no início da vida ou em pessoas que ainda não se constituem em um si mesmas configura a base da criatividade a partir de um impulso compreendido como gesto espontâneo do verdadeiro self.

Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Essas experiências iniciais representadas na vida real pela soma tem como característica uma magia do desejo. São palavras de Winnicott:

Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como fato, através da sensível adaptação da mãe. O reconhecimento gradual que o bebê faz da ausência de um controle mágico sobre a realidade externa tem como base a onipotência inicial transformada em fato pela técnica adaptativa da mãe (Winnicott, 1990 pag. 126).

Todas essas questões se tornam importantes para a compreensão do analista, em que sua mente, torna-se uma possibilidade de um solo fértil para a germinação das 'sementinhas'. Quando, entretanto, a mãe/analista, ao lidar com o bebê/analizando, substituindo o gesto espontâneo dele pelo seu próprio gesto, ele se submete, e este é o estágio inicial do falso-self ou da não integração. Já, quando mãe/analista é capaz de sustentar e conter o setting - *holding* e manejar o setting - *handling*, possibilitando uma não colisão com a onipotência do analisando, essa experiência possibilita ao analisando/bebê expressar de forma espontânea seu *self* verdadeiro e, no tempo apropriado, atingir a possibilidade de renunciar à onipotência. Reconhecer o momento ilusório é poder brincar e imaginar. Isso é a base do símbolo que, de início é, ao mesmo tempo, espontaneidade e alucinação, e também o objeto criado. Tudo isso é próprio do início da constituição de um *self* e fundamental para que a criança/analizando consiga se ver no rosto de um outro/analista, pois no começo o bebê ainda não consegue discernir o que é mundo interno do mundo externo; o indivíduo vive num mundo subjetivo que não é dentro nem fora. Portanto, nas primeiras relações, o indivíduo não se adapta ao real; se ele o faz, isso pode ser o início da formação de um falso si-mesmo patológico ou não integração. De forma espontânea, é o ambiente que se adapta ao bebê/analizando e, à medida que este amadurece vai criando não apenas um, mas vários sentidos de real (Winnicott, 2012).

Tentando trazer Pedro para perto de mim, percebi que nós dois havíamos encontrado uma forma de comunicação. A analista passou a nomear suas experiências por meio da representação teatral. Estávamos brincando juntos, e isso era vivenciado de forma prazerosa, pois nós dois estávamos nos divertindo. Assim, nossas sessões transcorreram dessa maneira.

Patrícia Coppola

Segundo Ferro (1995), a concepção de um ‘campo’ analítico permite ao analista observar o analisando a partir de um outro vértice, ou seja, o *setting* é construído na relação e pela relação de duas mentes, as quais são reguladas por uma intercomunicação dos fenômenos da identificação projetiva e da *rêverie*.

Sendo assim, a sessão torna-se uma jornada, em que o par/dupla analítico, pela experiência emocional, busca todas as formas de comunicação (verbal e não verbal). Dessa forma, o encontro uníssono das mentes analista/analisando viabiliza o narrar, o transformar e o nomear das emoções primitivas que nascem a partir de um solo árido (**alecrim**), mas podem se potencializar na transformação de um solo fértil. O analisando, como parceiro, irá observar e comunicar ao analista como as sessões devem ser e como a relação deve ser estabelecida: “Porque descreve ao analista o seu distanciar-se ou a sua intolerância ao que ele, paciente, diz” p.29.

Em uma das sessões, Pedro estava brincando com dois dinossauros, sendo que um mordida o rabo do outro. Então gritei ai, ai, ai e ao mesmo tempo, expressando pelo meu semblante a existência de uma dor. Ele olhou para mim e repetiu o que eu havia falado, gesticulando, inclusive, com o franzir da testa a expressão da dor. Aproximei-me da mesinha onde ele estava sentado, abaixei-me e disse: dodói. Ele sorriu e novamente fez para eu repetir. Winnicott (2019) nos diz: É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. “(...) Estabelece uma relação criativa com o mundo (...)” (pág. 70) “O brincar tem um espaço e um tempo. Não é dentro, nem fora” (pag. 73). O psicanalista chama-nos a atenção para a importância da experiência lúdica ao configurar num espaço potencial um lugar que não é nem dentro e nem fora, não é do paciente, nem do analista, mas a superposição de duas áreas lúdicas. Para o estudioso, o analista que não consegue brincar, também não consegue se comunicar e muito menos estabelecer um vínculo. Ressalta que se o paciente não consegue brincar é necessário que o analista seja capaz de buscar meios para tal.

Para Serralha (2019), esse espaço pode ser compreendido como o *locus* de um compartilhamento inicial entre mãe/analista e bebê/analisando. Essa área compreende o processo da ilusão transitória dos fenômenos subjetivos e objetivos, os quais constituem o processo psíquico evolutivo. Nessa mesma linha, Green, em seu livro “A loucura privada”, aborda o funcionamento mental e o enquadre analítico. Nessa perspectiva, buscou um caminho para a construção da simbolização a partir dos processos internos do analista.

Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Fala de um duplo e de um terceiro. O autor deduz que o objeto analítico é formado de *dois duplos* situados um do lado do cliente o outro do lado do analista, estabelecendo uma relação de homologia e de complementaridade. A separação, no entanto, existe por uma diferença de potencial. Utilizou a metáfora do espelho, em que o par imagem-objeto necessita do terceiro elemento representado pelo próprio espelho. Da mesma forma quando pensamos na relação dual na análise, em que o terceiro é representado pelo enquadre, que é seu homólogo. Nas palavras do autor: “*Diremos que o enquadre representa o holding e os cuidados maternos, mas negligenciamos o trabalho do próprio espelho, tão manifesto na análise dos casos difíceis*” (Green, 2017 pag. 93).

Ao término das sessões, Pedro sempre pergunta para onde eu vou e eu sempre respondo. Em uma determinada sessão, em vez de me chamar de tia Patrícia, me chamou de mamãe e o mais interessante foi que eu e ele nos olhamos e ele repetiu: “tia Patrícia”. Será que Pedro se percebeu? Será que Pedro me viu? Nesse momento, percebi que, diante de uma relação viva, poderíamos construir muitos aprendizados. Ele estava, inclusive, me ensinando a fazer ‘caras e bocas’, ou seja, me ensinando a brincar. Batistelli e Amorim (2014) dizem que precisamos ser criativos para criar ferramentas próprias com o intuito de poder despertar nessas crianças o interesse pelo contato afetivo. Esse vínculo torna-se significativo, pois, aos poucos, seus comportamentos estereotipados e suas relações desvitalizadas vão sendo enfraquecidos.

Nessa linha de raciocínio, o homem é um ser dependente, porque necessita de cuidados para a sobrevivência desde o nascimento. Esses cuidados devem acontecer em um ambiente seguro e contínuo. A criança tem uma tendência inata ao amadurecimento e sua sobrevivência depende da interação de seus processos internos e de um suprimento ambiental. O provimento materno oportuniza a constituição de uma integração, por meio da qual a criança/analizando incorpora a impulsividade instintual (agressividade) e, conseqüentemente, a mãe/cuidadora/analista fornece as bases para a criatividade emergir, ou seja, a mãe/cuidadora/analista, como ambiente facilitador, permite ao bebê criar o mundo (ilusão de onipotência) e caminhar para o estágio do “Eu sou” (estágio de unidade individual). Vale lembrar que não existe um ambiente perfeito e idealizado, pois a infância é uma extensão da fragilidade originária (Winnicott 2021/1901).

Patrícia Coppola

Dessa forma, Winnicott ressalta a importância do ambiente como um continente seguro que acolhe o nascimento, por meio do cuidado e da adaptação às necessidades do bebê. Em meio a esse processo, a crença, a fé e a noção de criatividade estabelecem-se como sinônimos de saúde psíquica (Franco, 2003).

Minha sala de atendimento tem uma meia parede em que separo a sala infantil da adulta. Os atendimentos com Pedro ocorrem no final da tarde, então a sala está sem claridade solar e eu não acendo a luz da sala de adultos. Nesse dia, Pedro pegou um carrinho e foi dirigindo-o pela parede até o interruptor da sala de adultos e acendeu a luz. Olhei para ele e ele perguntou o que era aquilo, apontando para um quadro que tenho na parede. Disse ser uma pintura de uma mulher caminhando na praia e fiz o barulho das ondas. Ele fechou os olhinhos e repetiu o som. Fechei os olhos também e disse que fechando os olhos, às vezes, conseguíamos ir à praia e ver os peixinhos. Ele olhou para mim e disse “cavalo-marinho”. Respondi;

Isso mesmo: cavalo-marinho. Foi até o divã, deitou-se, pegou o carrinho e ficou brincando de escorregá-lo. Nesse momento, pensei em ir até ele, mas resolvi esperar. Que bom que assim fiz! Pedro foi à sala infantil, pegou um outro carrinho, entregou-me e se deitou novamente no divã. Olhou para mim e disse “Vem, tia Patrícia”! Levantei-me e me sentei na ponta oposta onde ele estava. Ele rodopiou e encostou a cabecinha na minha perna. Nesse momento, lembrei-me dos meus filhos quando, deitados na cama, dirigiam-se ao meu lado para pegá-los no colo. A vontade foi essa, mas contive-me e comecei a brincar com minhas mãos indo em direção as mãos dele, sob seus braços e dizendo: “*Vou achar o Pedro ... Achei*”. Ele sorria a cada movimento e, depois de algum tempo nessa brincadeira, ele soltou um arrote e um pum. Nesse instante, percebi que ele estava sinalizando sua satisfação. O abraço e o colo foram construídos nesse campo intersubjetivo por mim e por ele, caracterizando um *setting*, em que experiências acolhedoras, recheadas de amor, estavam emergindo naquele momento. Winnicott esclarece:

É necessário postularmos um estágio, pertencente à vida intrauterina, no qual a força da gravidade ainda não entrou em cena. O amor, ou cuidado, só podem ser expressos e reconhecidos em termos físicos, através de uma adaptação do ambiente proveniente de todas as direções (Winnicott, 1990 pág. 151).

Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Paradoxalmente, finalizarei com o início dos atendimentos. Pedro sempre busca meu celular que fica em uma mesinha ao lado do divã. Entrega-o para mim e juntos, sentados em uma poltrona, ficamos bem apertadinhos. Então, ele diz; “Alecrim”. Coloco a música e nós dois a cantamos. O momento de que ele mais gosta e fica me olhando, esperando minha expressão, é quando cantamos o refrão: “*Foi meu amor/Que me disse assim/Que a flor do campo é o alecrim*”.

Patrícia Coppola

## Referências

- Alvarez, A. (1994). *Problemas técnicos no uso da contratransferência com pacientes borderline*. Conferência realizada em 7 de abril de 1994, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Traduzido por Nilde J. Parada French, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Batistelli, F. M. V. & Amorim, M. L. G. (2014). *Atendimento psicanalítico do autismo*. Zagodoni Editora Ltda, São Paulo.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Franco, S. D. G. (2003). Psicopatologia e o Viver Criativo. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 6(2), 36-50.
- Klein, M. (1930). *L'importance de la formation du symbole dans le développement du moi*. In: Klein, M. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- Lispector, C. (1984). *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.
- Marfinati, A. C. & Abrão, J. L. F. (2011). *O pensamento Psicanalítico sobre o autismo a partir da análise da Revista Estilo da Clínica*. *Estilo da Clínica*, 16(1), 14-31.
- Marfinati, A. C. & Abrão, J. L. F. (2014). *Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito autismo*. *Estilo da Clínica*, 19(2), 244-262.
- Meltzer, D. (1984). *Sulla bidimensionalità*. In. *Cuaderni Psicoterapia Infantile*. Roma: Borla. Tradução de Teresa Rocha Leite Haudenschild – analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Rutter, M. (1997). Autismo infantil. In Gauderer, C. (Ed.). *Autismo: autismo infantil como manejar os problemas de interação social das pessoas autistas*. Rio de Janeiro: Revinter. (Original publicado em 1993).
- Serralha, C. A. (2019). *O espaço potencial: da origem à evolução*. *Estilos da Clínica*, 24(1), 157-172.
- Winnicott, D. W. (1983/2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Artmed, Porto Alegre.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana / D. W. Winnicott*; tradução de Davi Litman Bogomoletz. Imago Editora: Rio de Janeiro.
- Winnicott, D. W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. Martins Fontes, São Paulo 4ª ed.
- Winnicott, D. W. (2012/1988). *Os bebês e suas mães*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. Editora WMF Martins Fontes, 4ª ed.
- Winnicott, D. W. (2019). *O Brincar e a Realidade*. Ubu Editora, São Paulo.



Alecrim: um ritmo, uma comunicação, um vínculo.

Winnicott, D. W. (2020). *A criança e o seu mundo*. Tradução Álvaro Cabral. LTC, Rio de Janeiro, 6ª ed.

Winnicott, D. W. (2021/1901). *Tudo começa em casa*. Traduzido por Paulo César Sandler. Ubu Editora, São Paulo.

Winnicott, D. W. (2021). *Da pediatria à psicanálise*. Tradução Davy Bogomoletz. Ubu Editora, São Paulo.

Patrícia Coppola  
pcoppola.p18@gmail.com